



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

### ESTÁ A HETEROSSEXUALIDADE PARA A HOMOSSEXUALIDADE ASSIM COMO A NATUREZA PARA A CULTURA? O HOMOSSEXUAL COMO O OUTRO

Bruno Rafael Alves Correia

*Universidade Federal de Pernambuco, mestrando em Direitos Humanos.  
brunorafael.correia@gmail.com*

Cleyton Feitosa Pereira

*Universidade Federal de Pernambuco, mestrando em Direitos Humanos  
cleyton\_feitosa@hotmail.com*

#### Resumo

Este trabalho tem por objetivo, partindo das perspectivas teóricas feministas inscritas nos textos “Está a Mulher para o Homem Assim Como a Natureza Para a Cultura?” de Sherry Ortner e “A Feminista como o outro” de Susan Bordo, traçar um paralelo entre a questão da desigualdade de gênero e a hierarquização das sexualidades. Partiu-se, portanto, de uma perspectiva de estudos relacionada a “gênero” para uma voltada às sexualidades e sua normatização. De modo a embasar a hipótese ventilada no título do trabalho, buscou-se, por meio da análise de quatro chamadas jornalísticas extraídas de sites e portais de considerável visibilidade na internet, demonstrar como a identidade homossexual — e dos demais dissidentes da heterossexualidade — é vista como “a outra”, constituindo-se como marcador em contextos que não dizem respeito, *a priori*, à orientação sexual ou à identidade de gênero, subsidiando a manutenção da heteronormatividade social.

**Palavras-chave:** Feminismo, Gênero, Homossexualidade, Heteronormatividade, Internet.

#### INTRODUÇÃO

Um dos principais objetivos dos estudos de gênero na atualidade se constitui na desconstrução da heteronormatividade, aqui entendida como o modelo compulsório-coercitivo estabelecido em nossa sociedade, corolário das diferenças entre os gêneros, que visa impor um determinado modelo de como as pessoas devem se relacionar no que diz respeito ao afeto e para



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

além dele. Sobre o conceito de heteronormatividade, Louro (2009) constrói uma definição bastante ilustrativa em seu artigo “Heteronormatividade e Homofobia” ao discorrer:

Esse alinhamento (entre sexo-gênero-sexualidade) dá sustentação ao processo de heteronormatividade, ou seja, à produção e à reiteração compulsória da norma heterossexual. Supõe-se, segundo essa lógica, que todas as pessoas sejam (ou devam ser) heterossexuais – daí que os sistemas de saúde ou de educação, o jurídico ou o midiático sejam construídos à imagem e à semelhança desses sujeitos. São eles que estão plenamente qualificados para usufruir desses sistemas ou de seus serviços e para receber os benefícios do Estado. Os outros, que fogem à norma, poderão na melhor das hipóteses ser reeducados, reformados (se for adotada uma ótica de tolerância e complacência); ou serão relegados a um segundo plano (tendo de se contentar com recursos alternativos, restritivos, inferiores); quando não forem simplesmente excluídos, ignorados ou mesmo punidos. Ainda que se reconheça tudo isso, a atitude mais frequente é a desatenção ou a conformação. A heteronormatividade só vem a ser reconhecida como um processo social, ou seja, como algo que é fabricado, produzido, reiterado, e somente passa a ser problematizada a partir da ação de intelectuais ligados aos estudos de sexualidade, especialmente aos estudos gays e lésbicos e à teoria Queer (LOURO, 2009, p. 90).

Encontram-se para a sua defesa e permanente naturalização justificativas advindas das mais variadas estirpes: biológica, moral, religiosa e, inclusive, acadêmica. Temos como exemplo desta última a chamada doutrina perfeccionista, que prega as relações heterossexuais como objetivo a ser alcançado — em detrimento de outras formas humanas de viver a sexualidade — como forma de aperfeiçoamento do Estado e da sociedade, sendo a única capaz de gerar reprodução<sup>1</sup>. Gayle Rubin (1984) ilustra bem a questão, ao tratar da estratificação social baseada nos comportamentos sexuais, criticando os critérios que são utilizados para classificar determinadas sexualidades como preferíveis:

---

<sup>1</sup> A esse respeito gostaríamos de fazer um paralelo, a título de ilustração, com o pensamento neopentecostal, investigado por Natividade (2013) ao identificar que uma das manifestações da homofobia religiosa – expressão também cunhada por ele – é o tratamento da homossexualidade e uma possível reversão ou popularmente chamado de cura gay. A cura, nesses termos seria a conquista da heterossexualidade em corpos homossexuais. Nas reflexões de Natividade: “como já destacamos, outra face da homofobia religiosa é a proliferação de discursos sobre a cura da homossexualidade. Propostas legislativas de bancadas religiosas que visam captar recursos públicos para ‘grupos’ que oferecem ajuda para sair da homossexualidade estão em confluência com um dado universo de valores. Com efeito, apelos à conversão de gays e lésbicas são acompanhados de exortações morais que revelam uma preocupação com as “inversões do gênero”, expressas na necessidade de tornar certos homens mais masculinos e certas mulheres mais femininas. O debate no Legislativo sobre a legitimidade das propostas de cura da homossexualidade só podem ser entendidos focalizando as suas dimensões de normatização do gênero” (NATIVIDADE, 2013, p. 43).



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

This notion of a single ideal sexuality characterizes most systems of thought about sex. For religion, the ideal is procreative marriage. For psychology, it is mature heterosexuality. Although its content varies, the format of a single sexual standard is continually reconstituted within other rhetorical frameworks, including feminism and socialism. (RUBIN, 2002, p. 204).

Dentro deste espectro, diversas estudiosas e estudiosos da temática de gênero têm se debruçado sobre a desconstrução dos paradigmas heteronormativos, mas antes destes, sendo historicamente precedentes, das diferenças de gênero. Pode-se dizer que o marco filosófico para esta desconstrução seria a passagem do paradigma europeu essencialista, para uma perspectiva, acompanhada da virada linguística, pós-estruturalista, não etnocêntrica, na qual se destacam Lévi-Strauss (1958) e Michel Foucault (1984) como observadores da realidade social através das inter-relações empenhadas pelos sujeitos, extraíndo significado através das estruturas que as acompanham.

A partir deste ponto temos a compreensão do binarismo sexo/gênero como decorrência do binarismo essencialismo/construtivismo social, que nada mais é do que a oposição entre natureza e cultura. Como diria Joan Scott (1986) sobre um dos possíveis significados da expressão gênero:

Its use explicitly rejects biological explanations, such as those that find a common denominator for diverse forms of female subordination in the facts that women have the capacity. to give birth and men have greater muscular strength. Instead, gender becomes a way- of denoting "cultural constructions"- the entirely. social creation of ideas about appropriate roles for women and men. It is a way of referring to the exclusively social origins of the subjective identities of men and women. (SCOTT, 1986, p. 1056).

Nesta mesma linha, Linda Nicholson descreve:

On one hand, gender was developed and is still often used as a contrasting term to sex, to depict that which is socially constructed as opposed to that which is biologically given. On this usage, gender is typically thought to refer to personality traits and behavior in distinction from the body. Here, gender and sex are understood as distinct. On the other hand, gender has increasingly become used to refer to any social construction having to do with the male/female distinction,



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

including those constructions that separate female bodies from male bodies. (NICHOLSON, 1994, p. 79).

Judith Butler (1999), considerada pós-estruturalista e uma das pensadoras da Teoria Queer, vai além e questiona a significação do próprio corpo:

Are the ostensibly natural facts of sex discursively produced by various scientific discourses in the service of other political and social interests? If the immutable character of sex is contested, perhaps this construct called “sex” is as culturally constructed as gender; indeed, perhaps it was always gender, with the consequence that the distinction between sex and gender turns out to be no distinction at all (BUTLER, 1999, p. 10).

Feitas estas considerações iniciais, em seu texto “Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura”, cuja *estrutura* se apropria em parte este artigo em seu título, Sherry B. Ortner (1979) busca explicar o papel secundário da mulher em relação ao homem, visto este sempre como o humano, o geral, a regra, o criador cultural, enquanto a mulher é sempre enxergada através das lentes da diferença, sempre aproximada da natureza por conta de sua constituição biológica voltada à reprodução e ocupante histórica de espaços sócio-culturais muito mais limitados que os dos homens, tais quais o lar e o privado.

Note-se, no entanto, que apesar do empréstimo da analogia, este trabalho, por meio de sua abordagem, pretende demonstrar, analisando quatro manchetes extraídas de grandes portais e meios de comunicação virtuais, que, no caso das identidades heterossexuais e homossexuais, a relação encontra-se em posição diferente da que nos é dada por Ortner em relação ao homem e à mulher, se pensarmos em termos hegemônicos. Explica-se: defende-se que a identidade heterossexual estaria para a natureza porque ela é vista como algo inato, enquanto a homossexualidade é vista como desvio. O conceito de heterossexualidade compulsória é forjado para tentar explicar esse fenômeno. A esse respeito, Colling e Nogueira (2014) em recente texto vão afirmar:

A heterossexualidade compulsória consiste na exigência de que todos os sujeitos sejam heterossexuais, isto é, se apresenta como única forma considerada normal de vivência da sexualidade. Essa ordem social/sexual se estrutura através do dualismo



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

heterossexualidade *versus* homossexualidade, sendo que a heterossexualidade é naturalizada e se torna compulsória. Isso ocorre, por exemplo, quando buscamos as causas da homossexualidade, um fetiche vigente ainda hoje inclusive entre militantes e pesquisadores que se dizem pró-LGBT<sup>2</sup>. Ao tentar identificar o que torna uma pessoa homossexual, colocamos a heterossexualidade como padrão, como um princípio na vida humana, do qual, por algum motivo, alguns se desviam (COLLING e NOGUEIRA, 2014, p. 175).

Como não se admite, sobretudo nas correntes religiosas, que o desvio seja de ordem biológica — o que seria admitir que a divindade cometeu um erro — certamente esta “anomalia” adviria de condições culturais (ou estruturais) inadequadas a que foi submetido determinado indivíduo, deixando clara a diferença entre a analogia feita por Ortner (Mulher/Natureza; Homem/Cultura) e a que se pretende aqui (Heterossexual/Natureza; Homossexual/Cultura).

Neste sentido, os homossexuais ou qualquer orientação ou identidade que desafie os padrões estabelecidos de ordem heteronormativa, são vistos como “o Outro”, conforme *outro* empréstimo que tomamos a partir do trabalho de Susan Bordo “A Feminista como o Outro” (2000). No citado artigo, a autora nos propõe uma reflexão acerca do descrédito dado à história das mulheres e às produções científicas feitas por mulheres, relacionadas ou não à temática feminista, em relação às produções científicas feitas por homens, sempre dotadas de caráter geral e norteador e nunca setorizadas e embalsamadas sob o túmulo de produções feministas e/ou para mulheres. Citando Jane Flax, Bordo ataca a questão:

Apesar da retórica do “ler como uma mulher” ou do deslocar o “falocentrismo”, os pós-modernos não estão cientes da natureza profundamente genderizada de suas próprias formas de contar e interpretar a história ocidental e as estratégias que eles opõem às grandes narrativas dessa história. Os pós-modernistas ainda honram o Homem como único autor e principal personagem dessas histórias, mesmo que esse Homem esteja morrendo, seu tempo se esgotando. Eles recontam a história contemporânea do ocidente dentro e através das histórias das três mortes — a do Homem, a de (sua) História e a da (sua) Metafísica. O que quer que as mulheres tenham feito durante todo esse tempo (já se tornando passado) está “do lado de fora” por definição e de acordo com as convenções narrativas deles (...). Essa ausência ou desaparecimento das mulheres concretas e das relações de gênero

---

<sup>2</sup> No início de 2013, por exemplo, a polêmica voltou à tona quando o geneticista Eli Vieira, em resposta ao pastor Silas Malafaia, publicou um vídeo na internet em que defendia estudos que tentam comprovar causas genéticas para a homossexualidade. Colling rebateu os “argumentos” do geneticista em texto que pode ser acessado em <http://www.ibahia.com/a/blogs/sexualidade/2013/02/05/nem-pastor-nem-geneticista-e-a-cultura-caralho/>



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sugere a possibilidade de o pós-modernismo não ser apenas ou simplesmente oposto ao falocentrismo, mas “seu mais recente artifício”. (BORDO, 2000, p. 26).

Almeja-se traçar, neste caso, um paralelo entre essas duas contribuições inter-relacionadas no que se refere ao papel subalterno da mulher nas vivências sociais e a hierarquia reproduzida de forma semelhante no que concerne à heterossexualidade e às outras formas de agir sexualmente.

### METODOLOGIA

Estes dois trabalhos teóricos apresentados serviram de inspiração à análise de como se dá o tratamento de certas notícias veiculadas em portais de comunicação quando o(a) ou os(as) protagonista(s) são pessoas homossexuais, bissexuais ou transexuais e a diferença de tratamento das mesmas notícias, ou mesmo a improbabilidade de que o mesmo fato vire algo passível de ser publicado como notícia, se estamos falando de indivíduos heterossexuais (quando sequer esta condição é descrita), com vistas a argumentar em favor da noção de “outro” dos não heterossexuais.

Busca-se aqui uma análise de conteúdo (BARDIN, 2001) baseada nos discursos latentes que estão por trás de quatro chamadas jornalísticas. Optou-se, destarte, pela utilização de uma abordagem qualitativa, sem que se pretenda exaurir o significado dos objetos a partir de um aprofundamento relacionado à análise do discurso. Neste sentido, Joshua Gamson (2000) nos fala acerca da pertinência entre a abordagem qualitativa e os estudos das sexualidades:

Há muito tempo que o estudo sobre as sexualidades, de um modo geral, e sobre as homossexualidades, em particular, está estreitamente ligado à pesquisa qualitativa — a qual, como um ponto de partida geral que logo conseguirei complicar, para mim significa um conjunto vago de práticas de pesquisa (etnografia e observação participante, entrevistas em profundidade, análise textual, pesquisa histórica, etc.), que se distinguem dos métodos quantitativos e que muitas vezes desconfiam das suposições epistemológicas do positivismo (...). (GAMSON, 2000, p. 346).

Neste passo, Gonsalves (2003, p. 68) ensina que “a pesquisa qualitativa preocupa-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica”.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Estabelecidos estes parâmetros, estas são as chamadas jornalísticas que serão analisadas:

(i) **“Casal homossexual suspeito de abusar de criança é preso.”** Disponível em: <http://noticias.r7.com/sao-paulo/noticias/casal-homossexual-acusado-de-abusar-de-crianca-e-presos-em-sao-paulo-20120310.html>. Acesso em 21/04/2015;

(ii) **“Papa Francisco rejeita diplomata gay para embaixada no Vaticano.”** Disponível em: [http://www.brasilpost.com.br/2015/04/09/papa-francisco-gay\\_n\\_7037894.html](http://www.brasilpost.com.br/2015/04/09/papa-francisco-gay_n_7037894.html). Acesso em 21/04/2015;

(iii) **“Casais gays contam como é a vida com um parceiro HIV positivo.”** Disponível em: <http://www.tribunadahia.com.br/2013/12/09/casais-gays-contam-como-a-vida-sexual-afetiva-com-umparceiro-hiv-positivo>. Acesso em 21/04/2015;

(iv) **“Travestis assaltam caminhoneiro e levam R\$ 200 em posto de Avaré.”** Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/itapetinga-regiao/noticia/2015/03/travestis-assaltam-caminhoneiro-e-levam-r-200-em-posto-de-avare.html>. Acesso em 21/04/2015.

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

Notemos o exemplo (i). É extremamente comum nos meios de comunicação a ênfase à orientação homossexual dos partícipes de determinada ação ou fato, sem que esta seja determinante para a atuação. O abuso a menores é ocorrência endêmica no Brasil, independentemente da orientação sexual dos autores. A adição do termo “homossexual” ao título da matéria de forma a diferenciá-la das demais e de isolar o fato dos abusos cometidos por casais ou pessoas heterossexuais — quando muitos destes abusos sequer chegam à grande imprensa — denota a tentativa insidiosa de relacionar abuso infantil com homossexualidade, o que interfere diretamente no imaginário social acerca da possibilidade de adoção por casais homossexuais e à saúde mental dos menores que nascem em lares homoafetivos. O homossexual, neste caso, é o que não está para a natureza, assim como as pretensões e agendas que assumem.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

No caso (ii), nós temos outro exemplo de como a orientação sexual é utilizada na chamada jornalística como forma de reforçar a heteronormatividade. Ainda que neste caso seja temerário desconsiderar a variante religião, comumente protagonista dos embates que envolvem a conquista de direitos civis pela população LGBT, deve-se levar em consideração que, muito provavelmente, em matéria que noticiasse qualquer outra rejeição de oficial diplomata, o motivo provavelmente restaria no corpo do texto, quando neste caso já nos aparece de pronto, como forma de naturalização, o fato de que o Papa não poderia aceitar um diplomata assumidamente gay para ocupar este posto no Vaticano. O “gay”, neste caso, ao mesmo tempo em que legitima a posição da Igreja Católica em relação aos homossexuais, traz para a chamada a “anomalia” que provavelmente não seria necessária se fossem outros os contextos e os motivos da recusa.

Em relação ao exemplo (iii), constatamos que o pânico moral e social originado nos Estados Unidos, quando do surgimento e proliferação dos casos de HIV entre a comunidade homossexual, ainda não foi esquecido e reverbera de forma nefasta no imaginário social ocidental. Aqui nós temos uma subversão da lógica. Quando se trata de falar sobre HIV, é regra ver matérias que tratam especificamente da comunidade gay e, quando se fala em outras populações, dá-se a ênfase de maneira oposta, de forma a alertar — e também, é preciso reconhecer, conscientizar — que a AIDS não é uma exclusividade dos homossexuais. No entanto, a lógica heteronormativa do homossexual como o outro ainda está presente, posto que, neste caso, a naturalização do homossexual se dá pela via da negatividade, vez que o HIV seria um “privilégio” apenas deste grupo.

Por último, voltamo-nos no item (iv) à população mais marginalizada do segmento LGBT. Por que um assalto deixa de ser um assalto para ser um assalto praticado por travestis? Em que isto contribui para a compreensão do fato “assalto”? O fato teria obtido destaque em um dos maiores portais de notícia do país se as travestis como autoras fossem substituídas por “homens”? É importante destacar aqui que não estamos falando, neste momento, de identidade homossexual, tal qual enfatizado desde o início do texto, mas demonstrando que, para além da homossexualidade, todas as formas de dissidências sexuais em relação à heterossexualidade são vistas como *o outro*.





## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

### CONCLUSÕES

Procurou-se, através deste artigo, estabelecer vínculos entre as ideias de Sherry Ortner e de Susan Bordo no que diz respeito à permanente diferenciação da mulher em relação ao homem — que só existe em sociedade em oposição a este — e a questão das identidades heterossexuais e homossexuais como possuidoras destas mesmas diferenças e hierarquias.

Através da revisão da ideia destas duas autoras feministas e da análise qualitativa de quatro manchetes veiculadas em importantes meios de comunicação do país, tentou-se demonstrar como a identidade heterossexual possui marcador neutro no que diz respeito a assuntos que não guardam relação com a orientação sexual, enquanto a homossexualidade é correntemente vista sob a ótica da diferença, de forma a subsidiar e reafirmar as bases de uma sociedade baseada na heteronormatividade e no heterossexismo, demarcando as chamadas dissidências sexuais em quaisquer contextos de forma injustificada, notadamente, como dito anteriormente, naqueles fatos/notícias/autorias que em nada dizem respeito à orientação sexual.

Subverter a correlação explicitada neste texto constituiria uma das formas de desfazer a naturalização da heterossexualidade, estando a sociedade atenta às formas ocultas de reforço do discurso heteronormativo, posicionando o homossexual — e demais indivíduos LGBT — como produtos efêmeros da cultura e marcados pelo discurso do “outro”. Ousando mais: romper com o binarismo heterossexual/homossexual, categorias inventadas, classificadas e hierarquizadas pela Ciência Moderna e trabalhar com uma noção pós-identitária em que a humanidade não caiba em caixas classificatórias ou rótulos identificadores, mas que seja diversa, diferente e pluri-identitária como bem disse Guacira Lopes Louro (2008).

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Relógio D'água Editores, 2001.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

BORDO, Susan. **A feminista e o outro**. Revista de estudos feministas. 2000, v. 8, n. 1, p. 10-29. (Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9853/9086>). Acesso em: 03/05/2015.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble**. New York: Routledge, 1999.

COLLING, Leandro; NOGUEIRA, Gilmaro. Relacionados mas diferentes: sobre os conceitos de homofobia, heterossexualidade compulsória e heteronormatividade. In: RODRIGUES, Alexsandro; DALLAPICULA, Catarina; FERREIRA, Sérgio Rodrigo da S. (Org.). **Transposições: lugares e fronteiras em sexualidade e educação**. 1ª ed. Vitória: EDUFES, 2014, p. 171-183.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade: a vontade de saber**. São Paulo: Ed. Graal, 1984.

GAMSON, Joshua. As sexualidades, a teoria queer e a pesquisa qualitativa. In **O planejamento da pesquisa qualitativa**. Teorias e Abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. 3.ed. Campinas, SP: Alínea. 2003.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. São Paulo: Cosac Naify Portátil, 2012.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). **Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

\_\_\_\_\_. Heteronormatividade e Homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação, Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. Homofobia religiosa e direitos LGBT: Notas de pesquisa. **Latitude**, V. 7, n.º. 1, pp. 33-51, 2013.

NICHOLSON, Linda. **Interpreting Gender**. Washington University in St. Louis. (Disponível em <http://openscholarship.wustl.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1021&context=wgss>) Acesso em: 04/05/2015.

ORTNER, Sherry. **Está a mulher para o homem como a natureza para a cultura?** In: Michelle Rosaldo e Louis Lamphere (orgs.). **A Mulher, a Cultura e a Sociedade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

RUBIN, Gayle **Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality** (Disponível online em <http://www.feminish.com/wp-content/uploads/2012/08/Rubin1984.pdf>). Acesso em: 03/05/2015



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

SCOTT, Joan. **Gender: A Useful Category of Historical Analysis**. The American Historical Review, Vol.91, No.5. (Disponível em [http://facultypages.morris.umn.edu/~deanej/UMM%20Home%20Page/2001/Readings/Gender/Scott\\_Useful%20Category.pdf](http://facultypages.morris.umn.edu/~deanej/UMM%20Home%20Page/2001/Readings/Gender/Scott_Useful%20Category.pdf)). Acesso em 04/05/2015.